

A DISPERSÃO DA COVID-19 NA BAIXADA FLUMINENSE: COMO O CORONAVÍRUS AVANÇA PELAS PERIFERIAS DO RIO DE JANEIRO.

Heitor Soares de Farias¹

413


Resumo: Desde que foi anunciada a pandemia do coronavírus e assistimos às notícias dos primeiros casos no Brasil, a tentativa era de imaginar onde e como se multiplicariam as infecções. Traçar cenários projetados a partir das vulnerabilidades sociais, predizendo rotas preferenciais descritas pelo vírus no estado do Rio de Janeiro era um desafio grande, tendo em vista que era necessário a presença de um agente externo trazido de fora do país. Desta maneira, acompanhando o desenrolar dos fatos, foram trabalhados com dados de registros de infectados e de óbitos, disponibilizados pela Secretaria Estadual de Saúde, para um mês após o primeiro registro de transmissão local da doença no estado do Rio de Janeiro, em 14 de abril de 2020, e outro dois meses após, em 12 de junho de 2020. Foram elaboradas planilhas com os dados e a análise baseou-se no conceito de território utilizado, de Milton Santos (2002), foi possível identificar que após três meses dos primeiros registros, os casos estão crescendo mais rapidamente nos municípios frentes de expansão metropolitana, com menor infraestrutura na Baixada Fluminense. No entanto esse crescimento ainda não foi verificado no número de mortes que, provavelmente ocorrerá nas próximas semanas.

Palavras-chave: Território utilizado, Saúde, Isolamento Social.

The dispersion of Covid-19 in the Baixada Fluminense: how the coronavirus advances in the peripheries of Rio de Janeiro.

Abstract: Since the coronavirus pandemic was announced and we saw the news of the first cases in Brazil, the attempt was to imagine where and how infections would multiply. Tracing scenarios projected based on social vulnerabilities, predicting preferential routes described by the virus in the state of Rio de Janeiro was a big challenge, considering that it was necessary to have an external agent brought in from outside the country. Thus, following the unfolding of the facts, data from infected and death records were made available by the State Health Department for one month after the first record of local transmission of the disease in the state of Rio de Janeiro, on 14 April, and another two months later, on June 12. Spreadsheets were prepared with the data relating them to the concept of territory used, by Milton Santos (2002), it was possible to identify that after three

¹ Professor do PPGGEO/UFRRJ. Pesquisador do LIGA – Laboratório Integrado de Geografia Física.

 <https://orcid.org/0000-0003-3585-5028> Email: heisofa@gmail.com

months of the first records, the cases are growing more rapidly in the fronts of metropolitan expansion, with less infrastructure in the city. Baixada Fluminense. However, this growth has not yet been verified in the number of deaths that will probably occur in the coming weeks.

Keywords: Territory used, Health, Social Isolation.

La dispersión de Covid-19 en la Baixada Fluminense: cómo avanza el coronavirus en las periferias de Río de Janeiro.

Resumen: Desde que se anunció la pandemia de coronavirus y hemos visto las noticias de los primeros casos en Brasil, el intento fue imaginar dónde y cómo se multiplicarían las infecciones. El seguimiento de los escenarios proyectados en función de las vulnerabilidades sociales, la predicción de las rutas preferenciales descritas por el virus en el estado de Río de Janeiro fue un gran desafío, considerando que era necesario que un agente externo fuera del país. Por lo tanto, después del desarrollo de los hechos, el Departamento de Salud del Estado puso a disposición datos de registros de defunciones e infecciones durante un mes después del primer registro de transmisión local de la enfermedad en el estado de Río de Janeiro, el 14 Abril, y otros dos meses después, el 12 de junio. Las hojas de cálculo se prepararon con los datos relacionados con el concepto de territorio utilizado, por Milton Santos (2002), fue posible identificar que después de tres meses de los primeros registros, los casos están creciendo más rápidamente en los frentes de expansión metropolitana, con menos infraestructura en la ciudad. Baixada Fluminense. Sin embargo, este crecimiento aún no se ha verificado en la cantidad de muertes que probablemente ocurrirán en las próximas semanas.

Palabras clave: Territorio utilizado, Salud, Aislamiento Social.

Introdução

Escrevo na primeira quinzena de junho quando completamos três meses de isolamento social, decretado pelo governador do Estado do Rio de Janeiro em 13 de março (CAPOBIANCO, 2020), após a primeira transmissão local, ou seja, pessoa que se infectou sem que tivesse saído do país. Tal medida provocou uma reação em cadeia entre prefeitos, contrariando a posição do presidente da república que desde o início tentou transparecer que a Covid-19 não era tão agressiva, chamando-a de gripezinha e de histeria o que estava sendo veiculado pela mídia (SABINO e BEHNKE, 2020a).

Mesmo assim, escolas, teatros e cinemas foram fechados, além de atividades que proporcionassem aglomerações (CAPOBIANCO, 2020). Na mesma semana, dia 19

de março, ocorreu a primeira morte em consequência do corona vírus no estado do Rio de Janeiro. Tal notícia fez o governador endurecer ainda mais as restrições, fechando as praias, bares, restaurantes e pontos turísticos. Foram mantidas somente as atividades essenciais (NITAHARA, 2020a). Suspendeu também o transporte entre a capital e os municípios da região metropolitana e destes com o interior. Foi decretada impedida a chegada de passageiros vindos de estados e países com circulação confirmada de corona vírus. Sendo que a competência dessas atividades é do governo federal, através de suas agências reguladoras, e dependia da anuência de ambas para serem confirmadas (GRELLET, 2020).

O objetivo desses decretos foi interromper a transmissão do vírus para que o sistema de saúde não fosse sobrecarregado. Muitos foram e serão infectados, infelizmente, mas se a procura pelo sistema de saúde for mais espaçada no tempo, haverá mais e melhores condições de atendimento. Descumprir o isolamento aumenta a transmissão de maneira muito rápida e, por consequência, aumenta e muito a procura por socorro, podendo faltar leitos e respiradores para os doentes, caracterizando o colapso do sistema de saúde (JUCÁ, 2020).

Os primeiros casos no estado do Rio de Janeiro foram registrados na capital. Moradores das áreas nobres, aqueles com poder aquisitivo para viajar para o exterior, entraram em contato com o corona vírus e trouxeram-no para o Brasil, onde ficou circulando entre pessoas das classes mais abastadas. Até abril os bairros Barra da Tijuca, Copacabana e Leblon eram os que apresentavam mais casos de Covid-19 (GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2020). Assustada, a população respeitou os decretos nas primeiras semanas e o índice de isolamento social alcançou 85% na capital fluminense (NITAHARA, 2020b).

O restante da população, atuante nas atividades essenciais, em sua maioria moradores das periferias, continuou se expondo. No entanto, em poucas semanas o corona vírus atingiu as periferias e, diante da vulnerabilidade social, a letalidade foi maior. Hoje, os bairros com mais casos confirmados são 1º Copacabana, 2º Campo Grande e 3º Barra da Tijuca, mas com mais mortes são 1º Campo Grande, 2º Bangu e 3º Copacabana (PCRJ, 2020). Assim, apesar de apresentarem menos casos o número de mortes é maior nos bairros da Zona Oeste, periferia da capital.

Ainda nas primeiras semanas de isolamento, com letalidade menor nas áreas nobres, o que se viu foi um grande relaxamento do isolamento social nos bairros da Zona Sul, onde cada vez mais pessoas saem de casa para fazer atividade física nos calçadões da orla carioca (NITAHARA, 2020b). Pessoas públicas, que na TV incentivaram a campanha “Fique em Casa”, foram flagradas em caminhadas rompendo o isolamento social. A demora em disponibilizar o auxílio emergencial para a população aos trabalhadores informais, autônomos e desempregados, junto a incapacidade de atender a todos que deveriam receber, também fez com que muitos não pudessem manter o isolamento social por uma questão de sobrevivência.

Chegamos no final de maio com a taxa de ocupação de leitos de unidade de terapia intensiva (UTI) para Covid-19 de 91%, na rede do Serviço Único de Saúde (SUS), no município do Rio. Há 97 pessoas na fila da regulação, aguardando transferência para leitos dedicados à covid-19, sendo 73 deles para leitos de UTI (ÍNDIO DO BRASIL, 2020), e os hospitais de campanha não ficaram prontos. Hoje são mais de 42 mil mortes confirmadas em todo o Brasil, sabendo que há subnotificação. Já somos o segundo país no mundo em número de mortes, atrás apenas dos Estados Unidos.

Somente no estado Rio de Janeiro foram registradas 7.592 mortes, no entanto, em cartório, são 2.000 mortes a mais por corona vírus do que o número divulgado oficialmente pelo governo (DIÁRIO DO RIO, 2020). Isso acontece porque nas declarações de óbito, a Covid-19 pode constar como causa da morte mesmo se for uma suspeita, sem ainda contar com confirmação de exames de laboratório. Ainda assim iniciamos a flexibilização gradativa, com abertura do comércio e outras atividades que seguirão em etapas subsequentes. Será que já é o momento para flexibilização do isolamento? Enfim, controlamos a pandemia?

A Covid-19 na Baixada Fluminense

Na baixada fluminense, periferia da região metropolitana (figura 1), área muito populosa e com muitos déficits sociais (FARIAS, 2019), a maioria dos prefeitos seguiu as recomendações do governador, mas nem todos. Entre os maiores municípios, Nova Iguaçu, com população estimada em 821 mil habitantes (IBGE, 2020), teve decreto municipal expedido a favor do isolamento divulgado em 22 de março. Já em Duque de

FARIAS, A dispersão da COVID-19 na Baixada Fluminense: como o coronavírus avança pelas periferias do Rio de Janeiro

Caxias, com população estimada em 919 mil habitantes (IBGE, 2020), o decreto municipal só foi divulgado em 3 de abril, após a declaração do primeiro óbito no município. Ainda assim, o prefeito de Duque de Caxias, relutou em fechar o comércio e, mesmo depois de editar o decreto, diferentemente da determinação estadual, fez questão de enfatizar que as igrejas ficariam abertas, pois ajudariam na cura da Covid-19 (ALVES, 2020).



Figura 1 – Mapa da região metropolitana do Rio de Janeiro e suas sub-regiões.

Organização e Elaboração: Laboratório Integrado de Geografia Física Aplicada (LiGA-UFRRJ) e Laboratório de Geografia Econômica e Política (LAGEP-UFRRJ) [2020].

A postura do prefeito, em consonância com o presidente da república e contra o governador (SABINO e BEHNKE, 2020b), fez com que muitos cidadãos não aderissem ao isolamento e boa parte do comércio não essencial continuou a funcionar normalmente. O fluxo de pessoas nas ruas se manteve alto, não como um dia comum, mas bastante elevado se comparado ao que aconteceu em Nova Iguaçu, onde a política de isolamento foi mais seriamente cumprida. A consequência dessa postura é o grande número de óbitos por Covid-19 em Duque de Caxias, o segundo município no estado do Rio de Janeiro, atrás somente da capital (REGUEIRA, 2020).

FARIAS, A dispersão da COVID-19 na Baixada Fluminense: como o coronavírus avança pelas periferias do Rio de Janeiro

Na tabela 1, construída com os dados da Secretaria Estadual de Saúde (GERJ, 2020), de 14 de abril, Nova Iguaçu (122) tinha 30% mais casos registrados do que Duque de Caxias (94), entretanto Nova Iguaçu (8) tinha 40% menos óbitos do que Duque de Caxias (20). Os óbitos em Duque de Caxias, proporcionalmente, eram superiores ao Rio de Janeiro quando considerados casos por 100 mil habitantes. Estes dados nos levam a acreditar em grande subnotificação, principalmente no número de infectados em Duque de Caxias, pois o percentual de mortes em relação aos infectados era de mais de 20%, muito superior aos demais municípios da baixada fluminense e ao relatado pela OMS (VEJA, 2020). Também é possível perceber a importância do isolamento social e suas consequências sobre o número de mortes quando o mesmo não é respeitado, como pode ser percebido em Duque de Caxias.

Tabela 1 – Total de casos e de óbitos por Covid-19 na cidade do Rio de Janeiro e municípios da Baixada Fluminense, em 14 de abril de 2020.

Município	Habitantes ¹	Casos		Óbitos		Relação mortes/casos
		Total	por 100.000 hab	Total	por 100.000 hab	
Belford Roxo	510.906	52	10,18	3	0,59	5,77%
Duque de Caxias	919.596	94	10,22	20	2,17	21,28%
Guapimirim	60.517	3	4,96	0	0,00	0,00%
Itaguaí	133.019	5	3,76	2	1,50	40,00%
Japeri	104.768	3	2,86	0	0,00	0,00%
Magé	245.071	21	8,57	1	0,41	4,76%
Mesquita	176.103	32	18,17	1	0,57	3,13%
Nilópolis	162.485	22	13,54	0	0,00	0,00%
Nova Iguaçu	821.128	122	14,86	8	0,97	6,56%
Paracambi	52.257	1	1,91	0	0,00	0,00%
Queimados	150.319	13	8,65	1	0,67	7,69%
Rio de Janeiro	6.718.903	2.393	35,62	140	2,08	5,85%
São João de Meriti	472.406	45	9,53	3	0,64	6,67%
Seropédica	82.312	4	4,86	0	0,00	0,00%

Fonte: Secretaria Estadual de Saúde

Nota: 1 População estimada 2019

Como explicar o avanço da Covid-19 na baixada fluminense, especialmente, em Nova Iguaçu e Duque de Caxias? Embora acometa os seres humanos, sabemos que o processo saúde-doença está relacionado às condições de vida da população (MONKEN, 2008), ou seja, às características espaciais (em saúde chamadas de características

territoriais) que são produzidas pela sociedade e que refletem a injusta distribuição da riqueza (CORRÊA, 1995). Essas diferenças entre fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população, e compõem os determinantes sociais em saúde (BUSS e PELLEGRINI FILHO, 2007). Isto mostra a importância do isolamento social como medida de redução dos riscos na exposição, principalmente pelos grupos mais vulneráveis.

No caso da Covid-19, além da idade, a condição social tem se mostrado como determinante para o agravamento do quadro do paciente, devido às comorbidades (NUNES e CARDIM, 2020). Isto é, a população mais pobre por não se alimentar adequadamente e não ter acesso a tratamento de saúde adequado, deixa latente doenças silenciosas como diabetes e pressão alta, que fragilizam os infectados pelo corona vírus.

Essas características, em princípio, não explicariam sua transmissão, tendo em vista que o corona vírus veio do exterior, trazido por integrantes das classes sociais mais elevadas (BARREIRA e GRANDIM, 2020). Assim, nos municípios da baixada fluminense, onde os determinantes sociais em saúde preocupam pela dimensão que podem levar a alcançar o número de mortes pela Covid-19, interessa-nos entender a distribuição espacial dos casos registrados nos municípios da periferia, em diferentes momentos.

No dia 14 de abril, Nova Iguaçu apresentou mais casos de infectados nos bairros 1º Centro, 2º Posse e 3º Austin. Em Duque de Caxias com mais casos estavam os bairros 1º Centro, 2º Parada Angélica, 3º empatados Jardim Primavera, Mantiquira, Parque Marilandia, Saracuruna, Vila Leopoldina, Xerém (GERJ, 2020). Nesse contexto que o território utilizado (SANTOS e SILVEIRA, 2001) se mostra como categoria fundamental de análise para o entendimento dessa interação entre classes, pois extrapola os limites do “território de moradia”.

O território utilizado pode ter várias escalas e associa-se ao espaço da produção, circulação, mas também da associação e lazer. Embora este pareça excessivamente amplo, na maior parte dos dias a mobilidade ocorre em áreas restritas do ir e vir cotidiano da população, com suas rotinas de deslocamento entre as instituições da vida social, influenciadores e influenciados pelos usos dados ao território (MONKEN e BARCELLOS, 2005).

Boa parte da população da periferia realiza deslocamento pendular diário, casa-trabalho-casa, para a cidade do Rio de Janeiro, núcleo da metrópole. Desta maneira o morador da baixada fluminense divide seu território utilizado com membros da elite carioca e, em algum momento, pode entrar em contato com o corona vírus. Ao retornar para seu município de residência, circulando na área central, mais habitada e movimentada, também pela maior concentração de serviços essenciais, passa a dividir seu território utilizado com os outros frequentadores dessa área, espalhando o vírus para moradores do local e adjacências. Isso explica o maior número de casos nos centros desses municípios centrais da baixada fluminense.

O quadro descrito até aqui se refere à primeira quinzena de abril. Atualizando as informações para a 12 de junho, após oito semanas do início do espraiamento da Covid-19 pela baixada fluminense, o que se vê é a reprodução do quadro inicial em outra escala territorial. Os moradores das periferias mais distantes acessam mais os maiores centros da baixada fluminense, Nova Iguaçu e Duque de Caxias, ou mesmo nos bairros periféricos da capital, como Campo Grande e adjacências, e menos a área central da capital. Os territórios utilizados vão se misturando e pouco a pouco o corona vírus vai se espraiando. Agora, a periferia da metrópole funciona como um centro para a ampliação do número de casos registrados na sua periferia, ou seja, a periferia da periferia da capital, que são as frentes de expansão do extremo oeste metropolitano e da transição da baixada fluminense para o leste metropolitano.

Na tabela 2, construída com os dados da Secretaria Estadual de Saúde (GERJ, 2020), comparando os casos por 100 mil habitantes, observa-se que os municípios com mais registros são 1º Guapimirim, 2º Queimados, 3º Itaguaí, 4º Rio de Janeiro, 5º Paracambi, 6º Magé e 7º Seropédica. Já em relação às mortes por 100 mil habitantes, com mais registros estão 1º Rio de Janeiro, 2º Guapimirim, 3º Magé, 4º Itaguaí, 5º Mesquita, 6º Duque de Caxias e 7º Paracambi. Com exceção de Japeri, os demais municípios do extremo oeste metropolitano e da transição da baixada fluminense para o leste metropolitano estão na primeira metade desses tristes rankings.

Tabela 2 – Total de casos e de óbitos por Covid-19 na cidade do Rio de Janeiro e municípios da Baixada Fluminense, em 12 de junho de 2020.

Município	Habitantes ¹	Casos	Óbitos	
-----------	-------------------------	-------	--------	--

		Total	por 100.000 hab	Total	por 100.000 hab	Relação mortes/casos
Belford Roxo	510.906	1026	200,82	145	28,38	14,13%
Duque de Caxias	919.596	2026	220,31	318	34,58	15,70%
Guapimirim	60.517	509	841,09	28	46,27	9,09%
Itaguaí	133.019	860	646,52	59	44,35	5,16%
Japeri	104.768	125	119,31	14	13,36	10,69%
Magé	245.071	1136	463,54	112	45,70	9,86%
Mesquita	176.103	606	344,12	76	43,16	12,54%
Nilópolis	162.485	460	283,10	53	32,62	11,52%
Nova Iguaçu	821.128	2443	297,52	265	32,27	10,85%
Paracambi	52.257	301	576,00	18	34,45	5,98%
Queimados	150.319	1255	834,89	19	12,64	1,51%
Rio de Janeiro	6.718.903	40.017	595,59	4.850	72,18	12,12%
São João de Meriti	472.406	1.210	256,14	145	30,69	11,98%
Seropédica	82.312	321	389,98	16	19,44	4,98%

Fonte: Secretaria Estadual de Saúde

Nota: 1 População estimada 2019

Esse espriamento da Covid-19 fica ainda mais evidente quando analisamos o crescimento do número de casos registrados nesse período compreendido entre as duas datas utilizadas como referência, 14 de abril e 12 de junho de 2020 (Tabela 3).

Tabela 3 – Crescimento dos casos de Covid-19 na cidade do Rio de Janeiro e municípios da Baixada Fluminense entre 14 de abril e em 12 de junho de 2020.

Município	Habitantes ¹	Casos registrados		Crescimento
		até 14 de abril	até 12 de junho	
1 Paracambi	52.257	1	301	301,00
2 Itaguaí	133.019	5	860	172,00
3 Guapimirim	60.517	3	509	169,67
4 Queimados	150.319	13	1255	96,54
5 Seropédica	82.312	4	321	80,25
6 Magé	245.071	21	1136	54,10
7 Japeri	104.768	3	125	41,67
8 São Joao de Meriti	472.406	45	1.210	26,89
9 Duque de Caxias	919.596	94	2026	21,55
10 Nilópolis	162.485	22	460	20,91
11 Nova Iguaçu	821.128	122	2443	20,02
12 Belford Roxo	510.906	52	1026	19,73
13 Mesquita	176.103	32	606	18,94
14 Rio de Janeiro	6.718.903	2.393	40.017	16,72

Fonte: Secretaria Estadual de Saúde

Nota: 1 População estimada pelo IBGE

Em 14º lugar, com menor crescimento, está o município do Rio de Janeiro, dado que no início da análise já apresentava muitos casos, sendo o epicentro da Covid-19 no estado. Imediatamente acima, em 13º e 8º lugares estão os municípios da baixada histórica com urbanização mais densa (ROCHA, 2015), atingidos na sequência, que já apresentavam mais casos e mortes na primeira data. E na parte superior, do 7º ao 1º lugar, os municípios que apresentaram maior crescimento, localizados no extremo oeste metropolitano formado pelas cidades de Seropédica, Itaguaí, Paracambi, Japeri e Queimados (OLIVEIRA, 2015), além de Magé e Guapimirim, que compõem uma transição Baixada-Leste Metropolitano (FORTES, OLIVEIRA E SOUSA, 2020).

Considerações finais

Diante do exposto, é possível afirmar que a região metropolitana do Rio de Janeiro está atravessando diferentes estágios da pandemia da Covid-19. A capital como epicentro registrando muitos casos e muitos óbitos, na sequência atingindo a sua periferia imediata, a baixada fluminense histórica, e posteriormente as áreas de expansão, o extremo oeste metropolitano e a transição baixada fluminense-leste metropolitano, onde foi observado maior incremento do número de casos no período analisado.

Nesses municípios frentes de expansão, com menos infraestrutura urbana, é onde estão as maiores concentrações de infectados, proporcionalmente por 100 mil habitantes. Entretanto, esse incremento de casos não foi acompanhado pelo incremento de óbitos. Acredito que, infelizmente, é muito provável que haverá um forte crescimento do número de mortes nas próximas semanas. Crescimento que pode ser ainda maior devido ao fato de que a flexibilização foi permitida uniformemente para toda a região metropolitana, pelo governador do estado do Rio de Janeiro, cabendo aos prefeitos decidir sobre suas particularidades.

Diante da pressão econômica, do longo período em isolamento social, e de outras questões citadas anteriormente, grande parte da população tem saído para as ruas nesta primeira semana de flexibilização, lotando shoppings e praias. Agora, mais do que nunca, é imprescindível haver transparência na divulgação dos dados, com objetivo

de acompanhar a curva de crescimento de casos e óbitos por Covid-19 e, se preciso, restringir a circulação de pessoas novamente. Transparência que foi sendo perdida ao longo do tempo no site da Secretaria Estadual de Saúde, quando não mais conseguimos informações dos infectados por bairro de residência – estava disponível em 14 de abril, mas não em 12 de junho de 2020 – o que permitiria uma análise mais detalhada da pandemia no Rio de Janeiro.

Referências

ALVES, Chico. Após dizer que igreja cura covid 19 prefeito está internado com a doença. UOL, Rio de Janeiro. 12.04.2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2020/04/12/apos-dizer-que-igreja-cura-covid-19-prefeito-esta-internado-com-a-doenca.htm>. Acessado em: 13 de abril de 2020.

BARREIRA, Gabriel e GRANDIN, Felipe. Bairros mais caros do Rio lideram casos, mas especialistas temem 'explosão' de Covid-19 nas favelas. O Globo, Rio de Janeiro. 25.03.2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/25/bairros-mais-caros-do-rio-lideram-casos-mas-especialistas-temem-explosao-de-covid-19-nas-favelas.ghtml>. Acessado em: 29 de março de 2020.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A Saúde e seus determinantes Sociais. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, 2007.

CAPOBIANCO, Marcela. Governador Witzel decreta fechamento de cinemas, teatros e casas de show. *Revista Veja*, Rio de Janeiro, Shows. 13.03.2020. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/governador-witzel-decreto-fechamento-cinema/>. Acessado em: 29 de março de 2020.

CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 352p, 1995.

DIÁRIO DO RIO. Cartórios do RJ contabilizam quase 2.000 mortes a mais que números oficiais do governo. *Diário do Rio*, Rio de Janeiro, Brasil. 05.06.2020. Disponível em: <https://diariodorio.com/cartorios-do-rj-contabilizam-quase-2-000-mortes-a-mais-que-numeros-oficiais-do-governo/>. Acessado em: 10 de junho de 2020.

FARIAS, *A dispersão da COVID-19 na Baixada Fluminense: como o coronavírus avança pelas periferias do Rio de Janeiro*

GERJ - GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Painel Coronavirus Covid-19. Secretaria de Saúde, Rio de Janeiro. 14.04.2020. Disponível em: <http://painel.saude.rj.gov.br/monitoramento/covid19.html>. Acessado em: 14 de abril de 2020 e 12 de junho de 2020.

FARIAS, Heitor Soares. Espaço Geográfico como categoria de análise da qualidade de vida e saúde da população. *Geouerj*, Rio de Janeiro, n. 34, e, 28418, 2019 | doi: 10.12957/geouerj.2019.28418.

FORTES, Alexandre; OLIVEIRA, Leandro Dias de; SOUSA, Gustavo Mota de. A COVID-19 na Baixada Fluminense: Colapso e apreensão a partir da periferia metropolitana do Rio de Janeiro. *Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica*, ano IX, n. 18, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/13591>. Acessado em: 13 de junho de 2020.

GRELLET, Fabio. Witzel suspende transporte por ônibus e avião para o Rio. Uol, São Paulo, Coronavírus. 19.03.2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/03/19/witzel-suspende-transporte-por-onibus-e-aviao-para-o-rio.htm>. Acessado em: 30 de março de 2020.

ÍNDIO DO BRASIL, Cristina. Taxa de ocupação de leitos de UTI para covid-19 no Rio é de 91%. Agência Brasil, Rio de Janeiro, Brasil. 31.05.2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-05/taxa-de-ocupacao-de-leitos-de-uti-para-covid-19-no-rio-e-de-91>. Acessado em: 10 de junho de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE Cidades. Brasil, Rio de Janeiro, Panorama Municipal. 15.04.2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acessado em: 13 de abril de 2020.

JUCÁ, Beatriz. Com projeção de 460.000 infectados no Estado de São Paulo, Brasil endurece combate ao coronavírus. El País, São Paulo, Brasil. 13.03.2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-14/com-projecao-de-460000-infectados-no-estado-de-sao-paulo-brasil-endurece-combate-ao-coronavirus.html>. Acessado em: 30 de março de 2020.

MONKEN, M. Contexto, território e processo de territorialização de informações. Desenvolvendo estratégias pedagógicas para a educação profissional em vigilância em saúde. In: BARCELLOS, Christovam (org.). *A geografia e o contexto dos problemas de saúde*. Rio de Janeiro: Abrasco, 2008, p. 141-163.

FARIAS, A dispersão da COVID-19 na Baixada Fluminense: como o coronavírus avança pelas periferias do Rio de Janeiro

MONKEN, Mauricio e BARCELLOS, Christovam. Vigilância em saúde e território utilizado: possibilidades teóricas e metodológicas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 21(3):898-906, mai-jun, 2005.

NITAHARA, Akemi. Coronavírus: Rio de Janeiro decreta estado de emergência. Agência Brasil, Rio de Janeiro. 17.03.2020a. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/coronavirus-rio-de-janeiro-decreta-situacao-de-emergencia>. Acessado em: 30 de março de 2020.

NITAHARA, Akemi. Cai taxa de isolamento social na cidade do Rio de Janeiro. Agência Brasil, Rio de Janeiro. 05.05.2020b. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/cai-taxa-de-isolamento-social-na-cidade-do-rio-de-janeiro>. Acessado em: 11 de junho de 2020.

NUNES, Maíra e CARDIM, Maria Eduarda. Coronavírus é mais letal para pacientes pretos e pardos. Correio Braziliense, Brasília. 13.04.2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/04/13/interna-brasil,844115/coronavirus-e-mais-letal-para-pacientes-pretos-e-pardos.shtml>.

Acessado em: 16 de abril de 2020.

OLIVEIRA, Leandro Dias de. A emergência da região logístico-industrial do Extremo Oeste Metropolitano fluminense: reflexões sobre o processo contemporâneo de reestruturação territorial-productiva”. Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica, ano IV, n. 7, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/1814>. Acesso em: 13 de junho de 2020.

PCRJ - Painel Rio Covid 19. Disponível em: <http://www.data.rio/app/painel-rio-covid-19>. Acessado em: 11 de junho de 2020.

REGUEIRA, Chico. Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, é a 2ª cidade em número de mortes no RJ. O Globo, Rio de Janeiro, 13.04.2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/04/13/ultima-a-restringir-comercio-na-regiao-metropolitana-caxias-e-a-segunda-cidade-do-rj-em-numero-de-mortes.ghtml> . Acessado em: 16 de abril de 2020.

ROCHA, André Santos da. Os efeitos da reestruturação econômica metropolitana na Baixada Fluminense: Apontamentos sobre o “novo” mercado imobiliário da região.

Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica, ano III, n. 6, janeiro-junho de 2015. Disponível em <

SABINO, Marla e BEHNKE, Emiliy. Bolsonaro confronta ação de governadores, que reagem. O Estado de São Paulo, São Paulo, 20.03.2020a. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-alguns-governadores-estao-tomando-decisoes-que-nao-sao-de-suas-competencias,70003241261>. Acessado em: 30 de março de 2020.

SABINO, Marla e BEHNKE, Emiliy. Bolsonaro confronta ação de governadores, que reagem. O Estado de São Paulo, São Paulo, 20.03.2020b. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-alguns-governadores-estao-tomando-decisoes-que-nao-sao-de-suas-competencias,70003241261>. Acessado em: 30 de março de 2020.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VEJA. Coronavírus: apenas 5% dos casos são graves, diz OMS. Revista Veja, São Paulo, Saúde. 18.02.2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/coronavirus-apenas-5-dos-casos-sao-graves-diz-oms/>. Acessado em: 28 de março de 2020.

Data de Submissão: 15/06/2020

Data da Avaliação: 18/06/2020